

Atualmente, Los Angeles é o principal porto dos Estados Unidos e o 19º no ranking mundial do Journal of Commerce (JOC). No ano passado, passaram por seus terminais 8,34 milhões de TEU (unidade equivalente a um contêiner de 20 pés). Já o Porto de Santos somou 3,68 milhões de TEU, ficando em 38º lugar.

portomar@atribuna.com.br

Porto & Mar

Em Los Angeles, redução de impacto ambiental é meta

Além de garantir qualidade de vida de comunidades ao redor do porto, ações são consideradas um “bom negócio”

LEOPOLDO FIGUEIREDO

ENVIADO ESPECIAL A LOS ANGELES

Os portos devem se preocupar com as atuais mudanças climáticas e seu papel nesse processo, buscando reduzir os impactos de suas operações no meio ambiente. Tais ações não resultam apenas na melhora da qualidade de vida da comunidade ao seu redor. Elas acabam sendo um “bom negócio” para os complexos marítimos. A análise partiu do executivo-chefe de Sustentabilidade do Porto de Los Angeles, Chris Cannon, na manhã de ontem, durante apresentação sobre os programas ambientais que desenvolve a empresários e autoridades do Porto de Santos.

“As mudanças climáticas são a maior crise que os portos enfrentam no mundo hoje e temos de encarar esse desafio. Não há mais tempo para adiarmos ou jogarmos essa responsabilidade para as próximas gerações. Ações têm de ser feitas agora. Isso é importante para a comunidade, para o mundo e também é bom para os negócios. Ser green (verde, em inglês) é muito bom”, afirmou Cannon.

A palestra do executivo-chefe foi uma das apresentações feitas ao grupo santista ontem, durante sua visita à sede da Autoridade Portuária de Los Angeles. A agenda no complexo integra a programação deste ano do *Santos Export – Fórum Internacional para a Expansão do Porto de Santos*.

Em sua palestra, Cannon destacou a importância dos portos reduzirem o impacto de suas atividades no meio ambiente. Em Los Angeles, devido à geografia da área, os poluentes e material particulado emitidos por navios, caminhões, rebocadores e guindastes não se dispersam com facilidade, ficando concentrados na atmosfera sobre a região metropolitana. Nos anos 90 e no início do século, isso levou a um aumento em problemas de saúde com a população.

“Tínhamos um problema social e ambiental. O maior dano à camada de ozônio nos Estados Unidos está sobre Los Angeles. Algo precisava ser feito e o fizemos”, disse Chris Cannon.

A saída foi a criação do Clean Air Action Plan (CAAP ou, em uma tradução livre do inglês, Plano de Ação do Ar Limpo). O programa, lançado em 2006 e atualizado em 2010, buscou reduzir a dependência do porto dos combustíveis

Uma lição

A experiência do Porto de Los Angeles nas áreas de sustentabilidade e logística pode servir de lição para o Porto de Santos, disse ontem o presidente da Codesp, Angelino Caputo e Oliveira (foto), que integra a comitiva do Santos Export em sua visita ao complexo norte-americano. “Tanto a preocupação de Los Angeles com o destino da carga no continente, buscando explorar soluções de intermodalidade, quanto com o cenário ambiental são impressionantes. Mas, principalmente no caso do meio ambiente, eles estão em outro nível. Nós ainda debatemos o grão na Ponta da Praia (a operação de soja nas proximidades de áreas residenciais). Vemos a carga como inimiga. A inimiga é a poluição, não a carga. Aqui eles querem a carga e tratam a poluição. É outra postura”.



veis fósseis. Para isso, incentivou a modernização da frota de caminhões, o uso de energias alternativas e o desenvolvimento de novas tecnologias, entre outras estratégias.

As linhas de ação adotadas pela Autoridade Portuária foram discutidas com terminais e prestadores de serviço locais e incentivos foram criados para impulsionar a adoção dessas medidas. No caso da renova-



Comitiva santista se reuniu com o executivo-chefe de Sustentabilidade do Porto de Los Angeles, Chris Cannon

ção da frota de caminhões, por exemplo, foram criadas linhas de financiamento para a substituição dos veículos por modelos com menor emissão de poluentes. E uma taxa passou a ser cobrada sobre o transporte de cargas feito com caminhões antigos. “Como as empresas não queriam pagar essa taxa, passaram a mudar sua frota”, explicou o executivo.

ISENÇÃO

Outra medida foi o programa de isenção tarifária para os navios. A Autoridade Portuária reduziu o valor das tarifas portuárias para os que emitissem uma menor quantidade de poluentes. Tal ação foi acompanhada por normas obrigando a diminuição da velocidade das embarcações quando elas se aproximassem da região portuária (a ideia é que, menos velozes, elas consomem menos combustível e, portanto, emitem menos poluição). E ainda foi ampliada a oferta de instalações elétricas no cais, de modo que os cargueiros pudessem desligar seus motores (operados a diesel) enquanto tivessem atra-

cados, consumindo a eletricidade oferecida pelo porto.

A estratégia também envolveu investimentos em infraestrutura. A via expressa ferroviária que liga a malha férrea da zona portuária de Los Angeles e Long Beach (o complexo vizinho) à rede nacional, denominada Alameda Corridor, agilizando a chegada e a retirada de cargas do cais, acabou facilitando as operações e, conseqüentemente, diminuiu a emissão de poluentes. “Antigamente, quando o trem passava, os carros eram obriga-

dos a parar. Mas seus motores ficavam ligados, emitindo poluentes. Com a via expressa, o trem segue seu caminho e os carros e caminhões também, não ficam parados. A operação ficou melhor e reduzimos a poluição”, explicou Cannon.

O impacto do Alameda Corridor é apenas uma das provas de que, como afirma o executivo-chefe de Sustentabilidade, “ser green é bom para os negócios”. “Com as inovações adotadas, conseguimos melhorar nossa eficiência, melhoramos

nosso planejamento energético, reduzimos nossa dependência dos combustíveis fósseis e ainda diminuímos nossa poluição”, afirmou.

Segundo os dados apresentados por Cannon, o Clean Air Action Plan atingiu as metas propostas. Entre 2005 e 2013, a emissão de material particulado na região de Los Angeles caiu cerca de 80%, a de nitratos, 57%, e a de compostos de enxofre, 90%. No mesmo período, o movimento de contêineres – o principal tipo de operação do complexo marítimo – cresceu 5%.

“Nossos parceiros entenderam a importância dessas ações. Temos uma responsabilidade com nossa comunidade. E hoje, o mercado exige que as empresas adotem soluções sustentáveis. Essa é a nova realidade do mercado e estamos prontos para ela. Os demais portos do mundo devem fazer o mesmo e agora”, disse Chis Cannon.

Ontem, durante a visita ao Porto de Los Angeles, o grupo do Santos Export também se reuniu com representantes da Prefeitura de Los Angeles (que administra o complexo marítimo) e com a presidente do conselho de administração da Autoridade Portuária, a embaixadora Vilma Martinez. Ainda ocorreram apresentações de empresários e representantes da Associação Comercial e Industrial do Porto. À tarde, a comitiva santista visitou a região portuária e conheceu o Intermodal Container Transfer Facility (Instalação Intermodal de Transferência de Contêineres, na tradução do inglês), unidade que facilita o transporte de cargas entre a região do cais e a retroportuária.

A programação da comitiva do Porto de Santos na costa oeste dos Estados Unidos continua hoje, com reuniões no complexo portuário de Long Beach. Na quinta-feira, a agenda continua em Oakland.